

O FILME *A HERANÇA* (2024) ENQUANTO UM PRODUTO DE PADRONIZAÇÃO CULTURAL

LÍGIA PEREIRA DOS SANTOS¹; JOÃO VITOR DE MORAES TORRES²; LIRIEL DE LEON³; ALEXIA MARTINS ATTUATI⁴; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – ligiadossantos.work@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – joaovitormoraestorres2005@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lirieleleon.sd@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – alexiaattuati0@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido através da disciplina Cinema Contemporâneo, ministrada pelo professor Roberto Cotta, no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A abordagem discute a padronização cultural no cenário cinematográfico brasileiro contemporâneo, a partir da análise do longa-metragem *A Herança* (2024), dirigido por João Cândido Zacharias. Trata-se de um filme de terror que, por meio dos eventos sobrenaturais enfrentados por Thomas (Diego Montez) e seu namorado Beni (Yohan Lévy), após a descoberta de uma casa herdada pela família materna, expõe o horror da heteronormatividade e a família como instituição de uma violência geracional naturalizada.

O objetivo é levantar questionamentos a respeito dos efeitos da indústria cultural na redução da experiência estética do cinema à mercadoria e como esse processo pode ser observado no filme em questão, que se apresenta como um recorte cultural brasileiro, mas cuja narrativa poderia ser transportada para qualquer contexto, sem carregar profundidade ou originalidade. Para tal, foram mobilizados alguns estudos de autores como CÂNEPA (2012), MIRANDA (org., 2014) à respeito de história e teoria de cinema fantástico nacional. No que tange à homogeneização cultural, serão utilizados os estudos de CARDOSO (2019).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa, desenvolvida em grupo, utilizou a resenha crítica como ferramenta base para o processo de escrita. Conforme a proposta da disciplina, o objeto deveria ser um filme contemporâneo, produzido nos últimos dez anos. Para a elaboração do trabalho, foram seguidas as seguintes etapas: 1 - escolha do filme; 2 - observação e interpretação individuais; 3 - debate entre os membros do grupo; 4 - definição de uma linha argumentativa comum; 5 – pesquisa bibliográfica; 6 - redação da resenha crítica.

O uso dessa metodologia possibilitou, a partir da identificação de incômodos pontuais, a formulação de percepções que suscitaram questionamentos sobre o cenário das produções brasileiras, em especial aquelas voltadas ao gênero de horror e destinadas à circulação comercial, como em serviços de *streaming*. Tais questionamentos conduziram a uma nova etapa: a pesquisa, orientada pela busca de referências em teoria do cinema, em estudos sobre o fantástico brasileiro e em debates acerca da homogeneização cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em seu primeiro longa, *A Herança*, João Cândido Zacharias chama atenção pela cinematografia, especialmente pelo trabalho de iluminação e colorização. O diretor equilibra a penumbra característica do gênero de terror sem tornar a imagem acinzentada ou ilegível em projetores menos potentes. As noites são iluminadas ora por um azul lunar que desenha com clareza os rostos e a cenografia, ora por silhuetas moldadas por luzes práticas típicas de uma casa colonial, como lamparinas. Cada plano é cuidadosamente pensado e milimetricamente iluminado.

Em diversos momentos, esses aspectos técnicos de luz e fotografia se articulam à direção de arte e à cenografia, resultando em composições visuais instigantes. Nesse sentido, o filme recorre com frequência ao uso do espaço em camadas como elemento de composição (BLOCK, 2010), ambientando a representação da magia negra e da bruxaria por meio de espiadas entre paredes e janelas, com silhuetas rurais e árvores que emolduram pontualmente os diálogos. Estes, por vezes, deixam de ser cortados pelo tradicional plano e contraplano, ressoando em varandas ou sobre uma cama, em tomadas zenitais fixas. Entretanto, esse preciosismo estético não se consolida como estilo, gerando uma frieza formal e certa artificialidade que comprometem a verossimilhança, sem despertar maior interesse. O filme opta por uma performance imagética contida, evitando o grão e a imperfeição. Mesmo as cenas simuladas via celular não exploram as potencialidades do recurso, limitando-se a um efeito de sobreposição de símbolo de gravação sobre imagens limpas, bem iluminadas e em alta definição.

Essa opção estética pode ser entendida como resultado de um processo de massificação da produção, em que a autenticidade é sacrificada em favor da busca por maiores audiências, recorrendo a padrões técnicos e visuais reconhecíveis. Sobre esse processo, MIRANDA (2022) observa que, entre 2010 e 2020, com a popularização dos serviços de *streaming* (além da televisão e da literatura), o consumo audiovisual de horror em português passou de marginal a *commodity*.

Nessa mesma direção, CARDOSO (2019) afirma que a homogeneização cultural resulta de um imperialismo midiático global que implica a perda de identidade nacional. A transformação da arte em produto relaciona-se diretamente a esse processo, pois a padronização é construída sob um viés mercadológico, visando à comercialização universal.

O caráter asséptico e comercial da cinematografia também reflete a fragilidade do roteiro, que exagera nos clichês do gênero sem promover grandes transformações ou reinvenções da conhecida narrativa da casa herdada, seus fantasmas e seus novos visitantes. Bruxas nuas e o estupro como marca do anticristo reforçam convenções que tornam a experiência de assistir ao longa entediante pela superficialidade de seus aspectos narrativos. O filme se apoia em recursos repetitivos, retratando a memória e a investigação do mistério de forma excessivamente textual. A incorporação da subjetividade *queer* às convenções de gênero, tal como no ritual sexual que simboliza a imposição da heterossexualidade ao protagonista Thomaz, poderia se destacar mais se houvesse uma tentativa de romper com os limites impostos pelo gênero.

A trama também evoca uma ideia de brasilidade em contraste com o personagem estrangeiro Beni, sobretudo por meio das tias-bruxas e de hábitos culturais como a hospitalidade, a família tradicional invasiva e os costumes alimentares. No entanto, esse Brasil soa artificial. A cenografia apresenta espaços deslumbrantes que emulam uma casa colonial brasileira, mas como se fabricada para um olhar externo, representando um recorte regional pouco distinto dos cenários médios do *mainstream* estrangeiro. As tias de Thomaz e o namorado Beni

assumem caracterizações caricatas e superficiais, reduzindo o potencial alegórico das tensões entre tradição e transgressão. Essa redução desemboca em um maniqueísmo simplista: a “tradição regional” como mal e o “estrangeiro” como bem. Tal construção se agrava diante de uma escolha especialmente questionável: o filme é majoritariamente falado em inglês, justificado narrativamente pela presença de Beni, o único personagem estrangeiro.

Quando questionado sobre o que singulariza uma produção de horror nacional, MIRANDA (2022) afirma que a principal característica é o uso do português, já que a língua exerce influência decisiva sobre a feitura e a recepção da obra, na voz, na expressão, no acontecimento, nos elementos cotidianos. À luz desse prisma, a opção pelo inglês intensifica o estranhamento e evidencia o enfraquecimento inventivo, na medida em que desperdiça o potencial de uma transposição cultural mais inventiva das convenções do horror.

Essa estética higienizada, tanto em relação à representação da realidade brasileira quanto à cinematografia, é rompida apenas nos últimos dez minutos, com o uso de efeitos práticos de natureza *trash*. Trata-se de um recurso que destoa abruptamente da unidade do filme, mas que poderia ter sido mais bem aproveitado se houvesse, ao longo da obra, outros indícios de estilização inspirados no cinema de horror nacional. Diante da ausência de uma indústria consolidada e dos baixos orçamentos – como observa CÂNEPA (2012) sobre o fantástico no Brasil –, o gênero frequentemente recorre a efeitos práticos baratos, incorporando-os de forma estilística sem comprometer a unidade fílmica nem a verossimilhança do universo criado. Assim, em vez de dialogar criativamente com essa tradição, *A Herança* apenas a tangencia, revelando mais uma tentativa de adequação a padrões internacionais do que de afirmação de uma identidade própria.

4. CONCLUSÕES

Ao analisar a padronização cultural no cinema brasileiro contemporâneo a partir do filme *A Herança* (2024), dirigido por João Cândido Zacharias, esta pesquisa identificou como a indústria cultural influencia a produção audiovisual, promovendo uma homogeneização estética e narrativa que compromete a autenticidade e a singularidade do produto final. A investigação, por meio do estudo teórico e da análise crítica do longa, possibilitou refletir sobre os efeitos da massificação na experiência estética do cinema e, consequentemente, sobre o modo como essa dinâmica impacta a representação cultural brasileira.

Além disso, ao evidenciar como *A Herança* reproduz fórmulas narrativas e escolhas estéticas direcionadas a um mercado global, esta pesquisa destaca a relevância de refletir sobre os caminhos do cinema de horror brasileiro e suas possibilidades de afirmação cultural. Mais do que apenas denunciar a homogeneização, é necessário pensar em alternativas que valorizem a singularidade local e explorem a potência criativa do gênero, sem que a busca por reconhecimento internacional resulte na diluição de identidades e tradições próprias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCK, B. **A narrativa visual**: criando a estrutura visual para cinema, TV e mídias digitais. São Paulo: Elsevier, 2010. Cap.3, p. 13-66.

CANEPA, L. **Como pensar o horror no cinema brasileiro?. Portal Brasileiro de Cinema**, 2012. Acessado em: 20 ago. 2025. Disponível em: <https://www.portalbrasileirodecinema.com.br/horror/ensaio-como-pensar-o-horror-no-cinema-brasileiro-laura-canepa.php?indice=ensaios>.

CARDOSO, V. L. A. Homogeneização do Consumo Cinematográfico no Brasil. **Perspectivas imagéticas**. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 134-164.

MIRANDA, M. É preciso naturalizar o arrepio: uma entrevista com Marcelo Miranda sobre o cinema brasileiro de horror. In: NESTAREZ, O. **Literartes**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 16, p. 11–24, 2022.

MIRANDA, M. (org.). **Medo e delírio no cinema brasileiro contemporâneo**. 2014. Acessado em: 20 ago. 2025. Disponível em: https://www.enquadramen.to/_files/ugd/3f3f10_2061cba9c4fd48309d31a542e79a0a51.pdf.